

**A VITICULTURA PARA VINHOS FINOS E ESPUMANTES
NA
REGIÃO DA SERRA GAÚCHA, BRASIL
TOPÔNIMOS E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA**

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA

Vinculada ao Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária

CNPUV – Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho



UCS – UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

DHIG – Departamento de História e Geografia

Caxias do Sul – RS



ISSN 0102-3969



EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA

Vinculada ao Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária

Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho – CNPUV



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL – UCS

Departamento de História e Geografia – DHIG

Caxias do Sul, RS

**A VITICULTURA PARA VINHOS FINOS E ESPUMANTES
NA
REGIÃO DA SERRA GAÚCHA, BRASIL
TOPÔNIMOS E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA**

Ivanira Falcade e Jorge Tonietto

Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho
Bento Gonçalves, RS
1995

EMBRAPA-CNPUV. Documentos, 13.

EMBRAPA-CNPUV
Rua Livramento, 515
Caixa Postal 130
95700-000 Bento Gonçalves, RS, Brasil
Telefone: (054) 451.2144
Telex: (543) 603 EBPA BR
Fax : (054) 451.2792

Tiragem: 1.500 exemplares

Comitê Editorial

Alberto Miele – Presidente
Francisco Mandelli – Membro
Mauro Celso Zanuz – Membro
Nêmera Gazzola Turchet – Secretária Executiva

Assessoria Científica

Loiva M. R. de Mello (EMBRAPA)
Sadi Manfredini (EMBRAPA)

Revisão Lingüística

Niura Maria Fontana (UCS)

Lay-out

Jorge Tonietto e Ivanira Falcade

Capa

Mapa parcial da Região Vitivinícola da Serra Gaúcha: área de distribuição do cultivo de *Vitis vinifera*-em verde; na Região, a viticultura para vinhos finos e espumantes é desenvolvida em altitudes entre 200 e 700 metros, ao longo dos vales dos tributários da margem esquerda do Rio das Antas (acima).

FALCADE, I.; TONIETTO, J. *A viticultura para vinhos finos e espumantes na Região da Serra Gaúcha, Brasil: topônimos e distribuição geográfica*. Bento Gonçalves: EMBRAPA-CNPUV, ago. 1995. 28 p. (EMBRAPA-CNPUV. Documentos, 13).

1. Videira – Brasil. 2. Zona de produção – cartografia.
3. Topônimos. I. TONIETTO, J. II. EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (Bento Gonçalves, RS). III. Título. IV. Série.

CDD: 634.88

Sumário

Resumo	9
Abstract	9
A Importância dos Nomes Geográficos na Vitivinicultura	10
Delimitação da Área Vitícola e Levantamento dos Topônimos	12
Distribuição Geográfica da Viticultura para Vinhos	
Finos e Espumantes	12
Topônimos da Área Vitícola	17
Considerações Finais	23
Referências Cartográficas	25
Referências Bibliográficas	27

EMBRAPA-CNPUV. Documentos, 13.

EMBRAPA-CNPUV
Rua Livramento, 515
Caixa Postal 130
95700-000 Bento Gonçalves, RS, Brasil
Telefone: (054) 451.2144
Telex: (543) 603 EBPA BR
Fax : (054) 451.2792

Tiragem: 1.500 exemplares

Comitê Editorial

Alberto Miele – Presidente
Francisco Mandelli – Membro
Mauro Celso Zanuz – Membro
Nêmore Gazzola Turchet – Secretária Executiva

Assessoria Científica

Loiva M. R. de Mello (EMBRAPA)
Sadi Manfredini (EMBRAPA)

Revisão Lingüística

Niura Maria Fontana (UCS)

Lay-out

Jorge Tonietto e Ivanira Falcade

Capa

Mapa parcial da Região Vitivinícola da Serra Gaúcha: área de distribuição do cultivo de *Vitis vinifera* em verde; na Região, a viticultura para vinhos finos e espumantes é desenvolvida em altitudes entre 200 e 700 metros, ao longo dos vales dos tributários da margem esquerda do Rio das Antas (acima).

FALCADE, I.; TONIETTO, J. *A viticultura para vinhos finos e espumantes na Região da Serra Gaúcha, Brasil: topônimos e distribuição geográfica*. Bento Gonçalves: EMBRAPA-CNPUV, ago. 1995. 28 p. (EMBRAPA-CNPUV. Documentos, 13).

1. Videira – Brasil. 2. Zona de produção – cartografia.
3. Topônimos. I. TONIETTO, J. II. EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (Bento Gonçalves, RS). III. Título. IV. Série.

CDD: 634.88

© EMBRAPA – 1995

Apresentação

É com dupla satisfação que apresentamos o trabalho intitulado “A viticultura para vinhos finos e espumantes na Região da Serra Gaúcha, Brasil: topônimos e distribuição geográfica”, realizado pela Professora Ivanira Falcade, da Universidade de Caxias do Sul, e pelo Pesquisador Jorge Tonietto, do Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho, da EMBRAPA de Bento Gonçalves.

Trata-se, em primeiro lugar, de um trabalho que expressa concretamente o relacionamento cooperativo entre ambas as Instituições, as quais somaram competências e esforços no sentido de realizá-lo. Por outro lado, apresenta resultados significativamente relevantes para a vitivinicultura regional e nacional, constituindo-se num subsídio seguro para o entendimento da nossa realidade e para o desenvolvimento de denominações de origem e indicações geográficas para vinhos finos e espumantes da Região da Serra Gaúcha – o que se faz especialmente oportuno, se considerada a necessidade de assegurar competitividade aos segmentos produtivos brasileiros no cenário internacional e, de modo particular, no âmbito do Mercosul.

Assim sendo, ao colocá-lo à disposição do público interessado, a Universidade de Caxias do Sul e a EMBRAPA de Bento Gonçalves acreditam estar contribuindo para o avanço, tanto metodológico, no caminho da pesquisa interinstitucional, quanto científico, na ampliação do conhecimento e na proposição de novas tecnologias.

Prof. Ruy Pauletti
Reitor
Universidade de Caxias do Sul

Pesq. Paulo Ricardo Dias de Oliveira
Chefe Geral
Centro Nacional de Pesquisa de Uva e
Vinho da EMBRAPA

Agradecimentos

Para a realização deste trabalho, foi necessária a colaboração de diversos profissionais do setor público e da iniciativa privada, abaixo relacionados, aos quais os autores agradecem, bem como às respectivas instituições ou empresas, pelas valiosas informações prestadas sobre a toponímia e a distribuição geográfica da viticultura para vinhos finos e espumantes na Serra Gaúcha:

Gilberto Luiz Salvador (Bento Gonçalves), Ivaldo Dalla Rosa (Garibaldi), João Paulo Marcon (Cotiporã), José Antônio Afonso (Veranópolis), José Favretto (Nova Roma do Sul), Juarez Boniatti (Caxias do Sul), Leonildo Sperotto (Nova Pádua), Luiz Carlos Kaster (Farroupilha), Neivaldo Turra (Cotiporã), Odair Dorigon (Veranópolis), Paulo Ricardo Facchin (Flores da Cunha), Sirlei Haubert (São Valentim do Sul), e Vasco Mazzarolo (Caxias do Sul), da EMATER/RS; Antônio João Comiotto (Farroupilha), Avelino Zatt (Bento Gonçalves), Bernardete Zanatta (Garibaldi), Juliano Smiderle (Flores da Cunha), Marilene Zilio (Bento Gonçalves), Paulo Antônio Pereira (Antonio Prado), Plínio Manosso (Caxias do Sul) e Valdevez Sironi Bondan (Farroupilha), dos Laboratórios de Enologia – Divisão de Enologia, da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul; Jaime Luiz Lovatel, da FEPAGRO; Clóvis Roberto Boscatto, da Boscatto Indústria Vinícola Ltda.; Antonio L. Romagna, Ciro Pavan, Cleivar Gentilini, Flavio Hillebrand, Irineu Pavan, João Carlos Rigo, Lenoar Sinigaglia, Lidovino Bavaresco, Luiz Carlos Guzzo, Selvino Smiderlle e Waldir Pedro Schu, da Cooperativa Vinícola Aurora Ltda.; Adair Paulo Pontalti, da Cooperativa Viti-Vinícola Pompéia Ltda.; João Vignatti, da Cooperativa Vinícola Santo Antônio Ltda.; Evalde Antônio Filippou, da De Lantier Vinhos Finos Ltda.; e, Altamir de Paoli, da empresa Champagne Georges Aubert S.A.

São também dirigidos agradecimentos ao Diretor Executivo da UVIBRA – Pedro Paulo Zanatta – pelas informações estatísticas e dados das empresas vinícolas; aos Professores da UCS Niura Fontana, pela revisão lingüística do texto, e Ricardo Vargas Dorneles, pelo apoio no tratamento informatizado dos mapas; ao Professor Heinrich Hasenack, da UFRGS, ao Pesquisador Gildo Almeida da Silva e à Assistente Executiva Mônica E. Tomedi Ferrari, da EMBRAPA-CNPUV, pela revisão dos originais, bem como ao Assistente de Pesquisa João Carlos Taffarel, da EMBRAPA-CNPUV, pela participação nos trabalhos de campo e tabulação de dados; e, ao artista Antonio Carlos Patrich Corrêa, pela participação na criação e pela arte final dos mapas do trabalho.

Deseja-se, ainda, registrar o estímulo e apoio sempre dispensados pelo Professor João Giugliani Filho (*in memoriam*) na temática da regionalização da vitivinicultura brasileira.

A Viticultura para Vinhos Finos e Espumantes na Região da Serra Gaúcha, Brasil

TOPÔNIMOS E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA¹

Ivanira Falcade² e Jorge Tonietto³

RESUMO

Na vitivinicultura mundial, a utilização de topônimos indicando a procedência, assim como as características dos produtos de determinada área geográfica, assume particular importância como fator de identidade, associado diretamente ao conceito de qualidade. O mais importante estado vitivinícola brasileiro é o Rio Grande do Sul, no qual a Região da Serra Gaúcha produz mais de 90% das uvas processadas pela agroindústria do país. Este trabalho objetivou apresentar os topônimos e a distribuição geográfica da produção de *Vitis vinifera* L. na Região da Serra Gaúcha, inclusive sua representação cartográfica, como subsídio ao desenvolvimento de denominações de origem e/ou indicações geográficas para vinhos finos e espumantes. Foram considerados os 12 municípios com produção de viníferas superior a 500 t/ano, que representam 97% da produção total de *Vitis vinifera* na Serra Gaúcha: Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi, Monte Belo do Sul, Flores da Cunha, Caxias do Sul, Cotiporã, Santa Tereza, Veranópolis, Nova Roma do Sul, Nova Pádua e São Valentim do Sul. Realizaram-se estudos cartográficos, análise de dados estatísticos e entrevistas com profissionais de experiência na área geográfica de cultivo da videira. Os resultados mostraram que a viticultura para vinhos finos e espumantes da Serra Gaúcha encontra-se distribuída em uma área de aproximadamente 800 km², com mais de 250 topônimos que referenciam as diferentes áreas de produção. Os topônimos pertencem a três grupos, de acordo com a natureza da referência espacial: político-administrativa, geográfica e religiosa. Tais topônimos constituem-se num referencial para nomes geográficos que visem identificar áreas de produção definidas.

Termos para indexação: topônimos, nomes geográficos, zona de produção, região vitícola, mapas vitivinícolas, cartografia, viticultura, vinhos finos, vinhos espumantes, indicação de procedência, indicação geográfica, denominação de origem, Serra Gaúcha.

ABSTRACT

The Viticulture for Fine and Sparkling Wines in the Serra Gaúcha Region, Brazil

TOPONYMS AND GEOGRAPHICAL DISTRIBUTION

In the world viticulture the use of toponyms has particular importance for both the identity factor and the quality concept, not only because it provides information about the products provenance, but also because it can give the consumer an update on wine characteristics. The most important Brazilian wine grape-growing state is Rio Grande do Sul in which the Serra Gaúcha Region produces over 90 % of all industrialised grapes. The main purpose of this work was to determine the geographical distribution of *Vitis vinifera* L. in the Serra Gaúcha Region and to detect the toponyms related to viticultural areas, including their cartographical representation, for giving support to the appellations of origin and/or geographical indications developing of fine and sparkling wines. The study took into account the twelve counties that produce over 500 tons per year, which represent 97 % of all *Vitis vinifera* production in the Serra Gaúcha Region – Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi, Monte Belo do Sul, Flores da Cunha, Caxias do Sul, Cotiporã, Santa Tereza, Veranópolis, Nova Roma do Sul, Nova Pádua and São Valentim do Sul. The study was based on cartographical and statistical analysis, and interviews with local skilled professionals. The results have shown that the *Vitis vinifera* vineyards are distributed over an 800 km² area, with more than 250 toponyms, that belongs to the following three groups: political-administrative, geographical and religious. These toponyms can be used as reference for geographical names in order to identify defined production areas.

Index terms: toponyms, geographical names, production zone, viticultural region, viticulture maps, cartography, viticulture, fine wines, sparkling wines, provenance indication, geographical indication, appellation of origin, Serra Gaúcha.

¹ Trabalho desenvolvido através do Contrato de Cooperação Técnica mantido pelo Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho da EMBRAPA e o Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul – UCS; recebido para publicação em 23.02.95.

² Universidade de Caxias do Sul – UCS, Departamento de História e Geografia, C.Postal 1352, 95001-970 Caxias do Sul, RS, Brasil.

³ EMBRAPA-Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho, C.Postal 130, 95700-000 Bento Gonçalves, RS, Brasil.

A Importância dos Nomes Geográficos na Vitivinicultura

A designação de um lugar ou de uma pessoa por um determinado nome tem sido definida em função de muitas variáveis ao longo dos tempos, de acordo com as características do grupo social e do espaço habitado. Características da natureza, situações políticas e econômicas, condições culturais e sociais, valores e tradições influenciam e motivam a definição do nome de um lugar, nome este que traduz essa realidade. Assim, a designação de um nome tem em comum o ato de exprimir uma qualidade, uma característica ou de descrever o que está sendo designado.

Já no século IV a.C. a história registra a prática da impressão de selos na argila das ânforas destinadas à comercialização de vinhos gregos, visando garantir a origem e a autenticidade dos produtos vînicos de determinadas procedências (Kourakou-Dragonas, 1987).

Na vitivinicultura mundial atual, a utilização de nomes geográficos, indicando não somente a procedência dos produtos, mas também outras qualidades e características, assume particular importância como fator de identidade, associado diretamente ao conceito de qualidade. Nos mercados mais exigentes, a ausência dessa variável implica em menor competitividade dos produtos, muitas vezes dificultando ou inviabilizando seu acesso aos mercados (Tonietto, 1994). Dentro desta abordagem, em países produtores de larga tradição vitivinícola, a existência de denominações de origem já está amplamente consolidada (Arlandini et al., 1993).

Em 1992, o *Office International de la Vigne et du Vin - O.I.V.*, aprimorou a conceituação de *denominação de origem reconhecida*, bem como agregou o conceito de *indicação geográfica reconhecida*; ambas são referidas pelo nome geográfico do país, região, localidade ou área definida para este fim (Resolution, 1993). Esses dois conceitos, assim como a *indicação de procedência*, constituem tópicos a serem buscados pela vitivinicultura brasileira, no sentido de qualificar sua produção.

No Brasil, a inexistência de regiões vitivinícolas delimitadas tem dificultado sobremaneira avanços que viabilizem a implementação de indicações geográficas ou de denominações de origem.

A análise do que estabelece a legislação brasileira de vinhos (Brasil, 1990), permite verificar que existe uma demanda, até hoje não atendida, no sentido de caracterizar e demarcar as zonas de produção. Ainda não estão definidas as conceituações básicas nem as

normativas que dêem amparo legal às indicações geográficas de produtos vitivinícolas, com vistas a sua implementação no país (Tonietto, 1993). Esta temática passou a ser contemplada no processo de elaboração da Norma Vitivinícola do MERCOSUL, matéria tratada em capítulo específico da Norma.

Observa-se, ainda, que na rotulagem dos produtos vitivinícolas brasileiros não é usual nem mesmo a referência ao local de procedência dos produtos, mostrando que pouco se tem explorado o valor técnico, social e econômico contido na origem geográfica da produção vitivinícola.

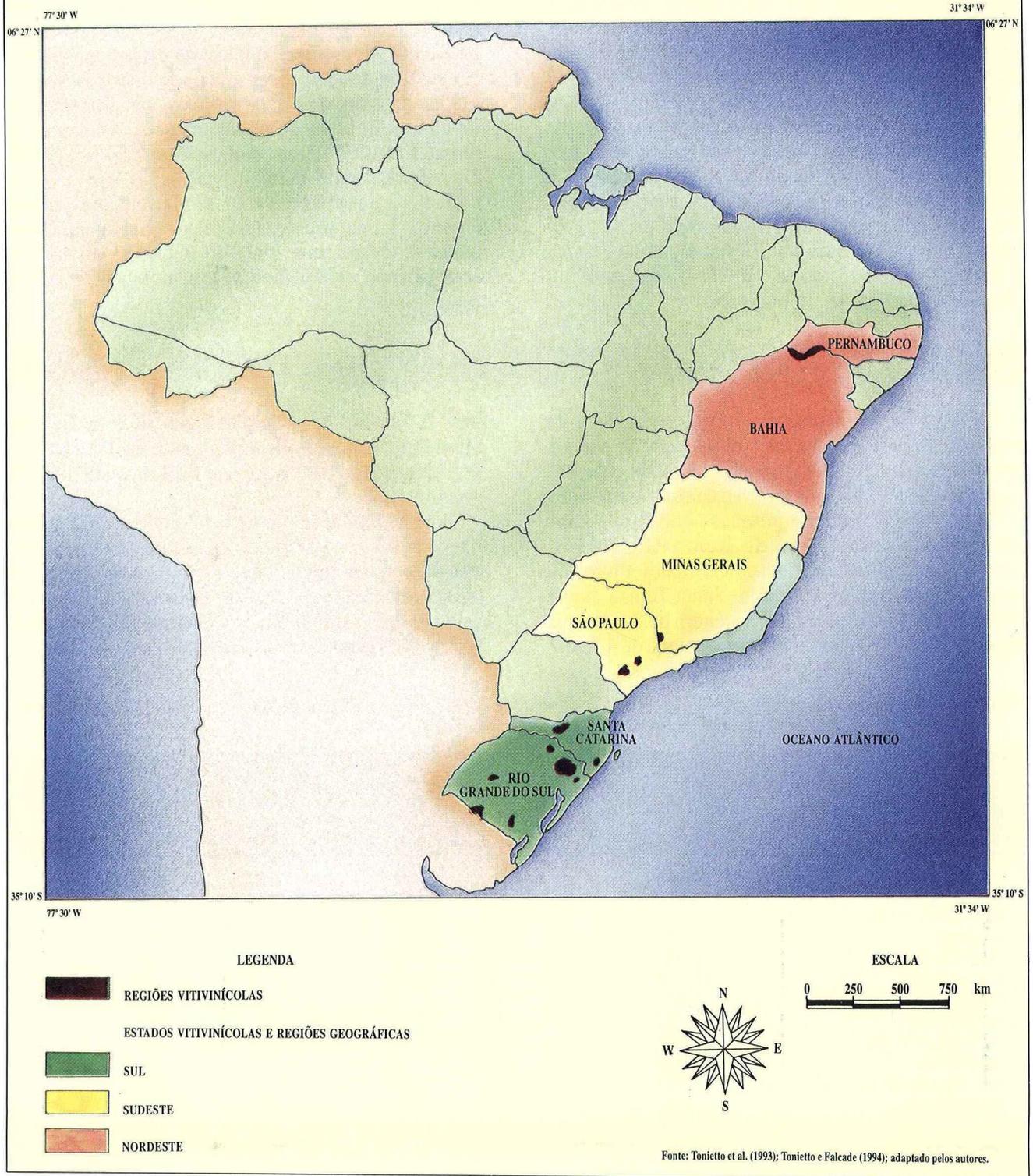
A utilização de denominações de origem estrangeiras em alguns vinhos, espumantes e destilados brasileiros está associada à falta de maior identidade das regiões produtoras nacionais, que dificulta o uso de nomes geográficos próprios (Tonietto, 1994). Contudo, a abertura do mercado nacional, a implementação do MERCOSUL e a possibilidade ou necessidade de incrementar a exportação de produtos brasileiros, são fatores que estão gerando demanda para a institucionalização das indicações geográficas no Brasil, demanda esta que deverá crescer.

Seis estados brasileiros, contemplando 12 regiões vitivinícolas, participam da produção de vinhos e derivados (Mapa 1). O Rio Grande do Sul é responsável por mais de 90% da produção nacional, sendo a Serra Gaúcha a região vitivinícola de maior produção, seja de vinhos finos e vinhos espumantes, como de vinhos de mesa e demais derivados da uva e do vinho.

Embora a Serra Gaúcha apresente características de homogeneidade, ocorre uma grande diversidade de fatores naturais e humanos (Falcade & Tonietto, 1993), sobre os quais será necessário aprofundar o conhecimento para a implementação das indicações geográficas para vinhos. Afora os fatores humanos, os estudos necessários relativos aos fatores naturais incluem, dentre outros, o solo, o clima, o relevo, bem como a resposta da videira aos diferentes fatores do meio geográfico.

Nesse contexto, este trabalho objetiva apresentar os topônimos e a distribuição geográfica da produção de *Vitis vinifera* na Serra Gaúcha, inclusive sua representação cartográfica, como subsídio ao desenvolvimento de denominações de origem e/ou indicações geográficas para vinhos finos e espumantes desta região vitivinícola.

ESTADOS E REGIÕES VITIVÍNICOLAS BRASILEIRAS (1995)



Mapa 1. Localização das regiões e estados vitivinícolas brasileiros e sua situação quanto às regiões geográficas do IBGE.

Delimitação da Área Vitícola e Levantamento dos Topônimos

A área vitícola abrangida neste estudo é aquela onde se concentra a produção de *Vitis vinifera*, destinada à elaboração de vinhos finos, espumantes, destilados e outros produtos na Região da Serra Gaúcha. Levantados os dados estatísticos relativos ao volume de produção por município – média das safras de 1992, 1993 e 1994 (UVIBRA, 1992; UVIBRA, 1993; UVIBRA, 1994), foram incluídos neste estudo os municípios com produção média de *Vitis vinifera* superior a 500 t/ano, totalizando 12 dos 28 municípios que compõem a Região vitivinícola da Serra Gaúcha: Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi, Monte Belo do Sul, Flores da Cunha, Caxias do Sul, Cotiporã, Santa Tereza, Veranópolis, Nova Roma do Sul, São Valentim do Sul e Nova Pádua (Tabela 1 e Mapa 2).

Para esses municípios, procedeu-se a uma análise cartográfica em 23 mapas físicos e político-administrativos, com escala entre 1:40.000 e 1:1.250.000, nos quais realizou-se levantamento dos topônimos usados na área de viticultura e análise do espaço geográfico. No sentido de identificar a área de distribuição geográfica do cultivo de *Vitis vinifera*, seus limites, e os topônimos utilizados usualmente para designar os diferentes lugares e áreas onde se desenvolve o cultivo da videira, foram também realizadas, em todos os municípios, entrevistas com profissionais de experiência em viticultura que trabalham em assistência técnica e extensão rural junto ao segmento oficial e ao setor privado, complementadas com trabalhos de campo.

Distribuição Geográfica da Viticultura para Vinhos Finos e Espumantes

Na região vitivinícola da Serra Gaúcha, 97% da produção de uvas destinadas à elaboração de vinhos finos e espumantes localiza-se, aproximadamente, entre os paralelos 28°59' S e 29°17' S e entre os meridianos 51°08' W e 51°47' W. Essa produção encontra-se distribuída nos municípios de Bento Gonçalves, Farroupilha, Monte Belo do Sul, Garibaldi, Flores da Cunha, Caxias do Sul, Cotiporã, Santa Tereza, Nova Roma do Sul, Veranópolis, São Valentim do Sul e Nova Pádua (Mapas 2 e 3), cuja superfície total é de 4.136,7

km². A Tabela 1 apresenta os dados de superfície por município, a produção média anual de viníferas e o percentual de viníferas sobre o total da uva produzida no município.

A área delimitada no Mapa 3 totaliza aproximadamente 800 km², e é nela que se encontra distribuída a viticultura para vinhos finos e espumantes. Apesar de inexistirem dados atualizados, estima-se que são cultivados ao redor de 5.000 hectares de vinhedos de viníferas, representando pouco mais de 6% da área assinalada.

TABELA 1. Superfície dos municípios e respectiva produção de *Vitis vinifera* na Serra Gaúcha – média das safras de 1992, 1993 e 1994 – e percentual sobre o total de uvas produzidas.

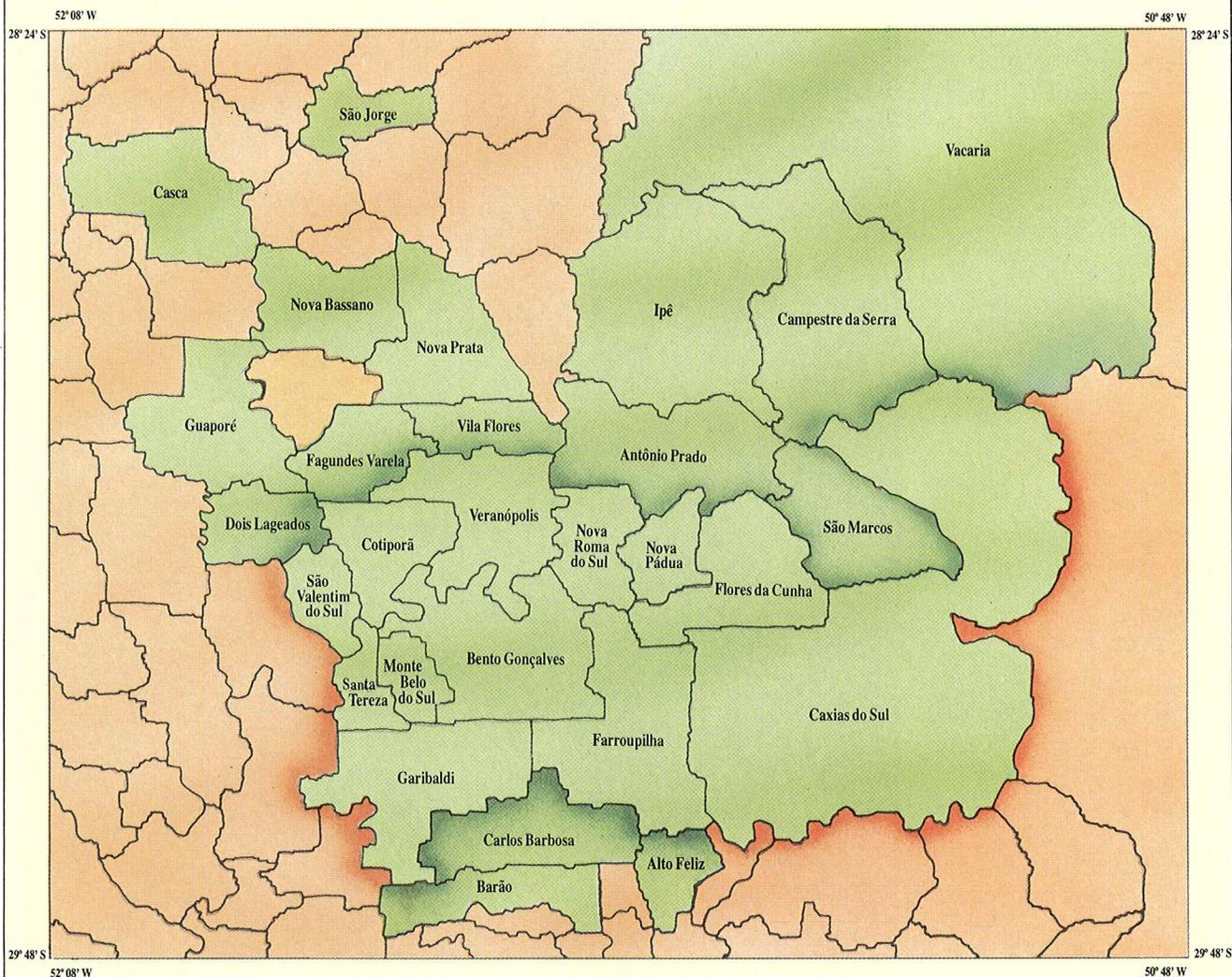
Município	Superfície do município ¹ (km ²)	Produção média de viníferas/ano ² (t)	% de viníferas sobre o total da uva produzida no município
Bento Gonçalves	381,5	29.039	31,4
Farroupilha	393,9	13.842	35,1
Monte Belo do Sul	67,7	9.433	53,9
Garibaldi	331,6	7.263	18,1
Flores da Cunha	293,3	3.760	5,2
Caxias do Sul	1.588,4	2.895	6,6
Cotiporã	152,9	1.553	25,3
Santa Tereza	77,7	1.463	37,8
Nova Roma do Sul	152,5	879	16,6
Veranópolis	306,3	777	15,9
São Valentim do Sul	288,4	698	50,7
Nova Pádua	102,5	586	4,0
Outros ³		1.166	3,0

¹ Fonte: IBGE, 1994.

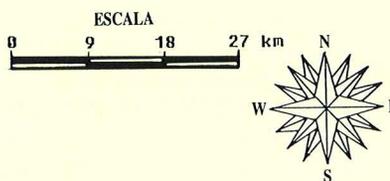
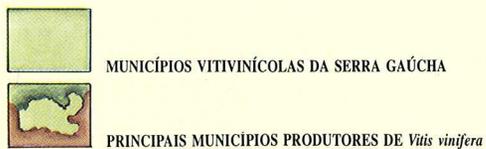
² Fonte: UVIBRA (1992), UVIBRA (1993) e UVIBRA (1994); dados elaborados pelos autores.

³ 16 municípios vitícolas da Serra Gaúcha, exceto os 12 maiores produtores, conforme Mapa 2.

MUNICÍPIOS VITIVÍNICOLAS DA REGIÃO DA SERRA GAÚCHA (1995)



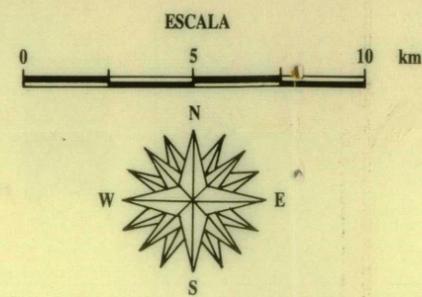
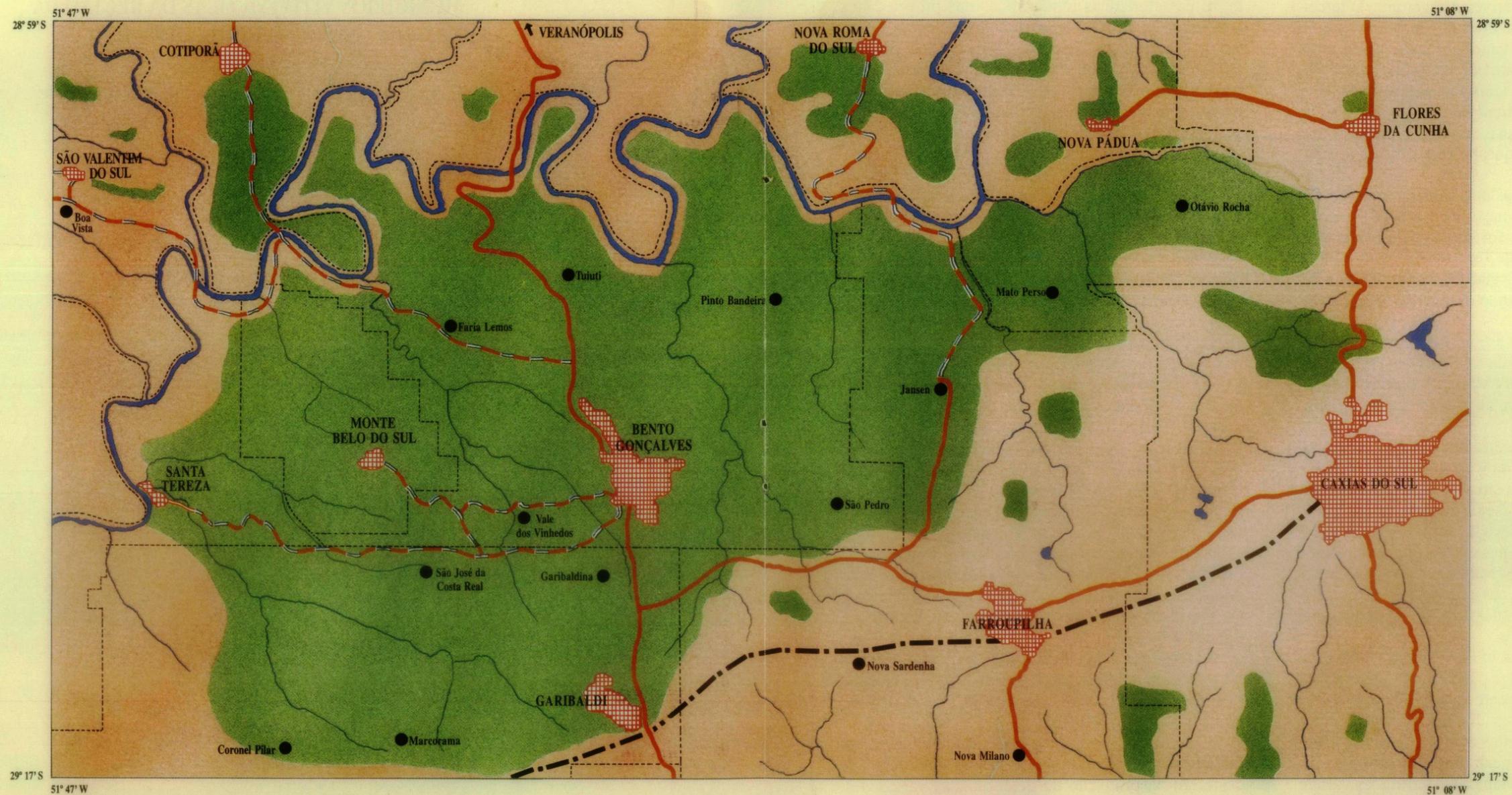
LEGENDA



Fonte: Adaptado de Tonietto et al (1993).

Mapa 2. Municípios integrantes da Região Vitivinícola da Serra Gaúcha, com destaque para os 12 maiores produtores de *Vitis vinifera*: Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi, Monte Belo do Sul, Flores da Cunha, Caxias do Sul, Cotiporã, Santa Tereza, Veranópolis, Nova Roma do Sul, Nova Pádua e São Valentim do Sul.

DISTRIBUIÇÃO DO CULTIVO DE *Vitis vinifera* NA REGIÃO DA SERRA GAÚCHA (1995)



Universidade de Caxias do Sul - UCS
Ivanira Falcade - Organização e Elaboração

Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho - CNPUV - EMBRAPA
Jorge Tonietto - Organização

Mapa Base Adaptado de:
BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO.
Caxias do Sul: Folha SH.22-V-D-MIR-525. Brasília: 1981. (Escala 1:250.000).
BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO.
Passo Fundo: Folha SH.22-V-B-MIR-528. Brasília: 1981. (Escala 1:250.000).

Mapa 3. Municípios com viticultura para vinhos finos e espumantes na Região da Serra Gaúcha: divisão intermunicipal, cidades e distritos, e área de distribuição do cultivo de *Vitis vinifera* – concentrada no patamar localizado entre o divisor de águas ao sul e o Rio das Antas ao norte.

Bento Gonçalves, com uma produção de 29.039 t/ano de *Vitis vinifera* é o município com maior produção, sendo esta duas vezes superior à do segundo produtor – Farroupilha – e três vezes o volume do terceiro produtor – Monte Belo do Sul. Garibaldi vem em quarto lugar, com 7.263 t/ano. Do ponto de vista da participação relativa, Monte Belo do Sul possui 53,9% da sua produção em uvas viníferas, enquanto nos municípios de Bento Gonçalves e Farroupilha, o percentual é menor – pouco superior a 30% sobre o total de uvas produzidas, que incluem também as americanas e híbridas.

Nos demais municípios que constituem a área de estudo, o volume de produção de viníferas decresce consideravelmente, mas, em alguns deles, como em São Valentim do Sul, Santa Tereza e Cotiporã, a participação das viníferas em relação às americanas e híbridas é expressiva, variando de 25,3% a 50,7% (Tabela 1).

O percentual de *Vitis vinifera* nos outros 16 municípios da região vitivinícola da Serra Gaúcha, exceto os 12 maiores produtores (Mapa 2), representa apenas, em média, 3% da uva ali produzida, totalizando 1.166 t/ano (Tabela 1).

A área onde está concentrada a viticultura para vinhos finos e espumantes da Região da Serra Gaúcha, e pode-se dizer do Brasil, situa-se na escarpa do planalto basáltico, que se apresenta muito dissecada, com declividades médias e elevadas. O intenso recorte e festonamento da escarpa possibilita que os vinhedos sejam cultivados nas mais variadas exposições, predominantemente, porém, nas orientações leste-noroeste, ao longo dos vales dos tributários da margem esquerda do Rio das Antas.

A maior parte da área com *Vitis vinifera* concentra-se no patamar situado entre o divisor de águas ao sul (localizado aproximadamente numa linha que passa pelas cidades de Caxias do Sul, Farroupilha e Garibaldi) e o Rio das Antas ao norte (que neste trecho apresenta inúmeros meandros, mas com uma direção geral leste-oeste) (Mapa 3). As altitudes variam muito nessa região, sendo a viticultura desenvolvida em altitudes entre 200 e 700 metros aproximadamente, com expressiva concentração entre os 400 e 600 metros.

A estrutura fundiária na área vitivinícola é de pequena propriedade explorada essencialmente pelo trabalho familiar (Censo Agropecuário, 1985). Em parte, as características topográficas nas propriedades condicionam ao cultivo de vinhedos de pequena extensão. Observando-se a paisagem da região, vê-se que os vinhedos são cultivados nas vertentes mais ensolaradas dos vales, aparecendo intercalados com outras culturas, com área de mata nativa ou com grandes paredões rochosos, onde as cornijas se sobressaem na paisagem. Mas também ocorrem situações, como por exemplo a da vertente noroeste-sudeste do Vale Aurora, em que os vinhedos de diversas propriedades formam um contínuo, recobrando a encosta em praticamente toda sua extensão.

Percorrendo os 12 municípios que mais produzem *Vitis vinifera* na Serra Gaúcha, pode-se observar que a cultura ocorre, generalizadamente, por todo o território do município de Bento Gonçalves e de Monte Belo do Sul (Mapa 3). Nos demais municípios, a viticultura se concentra em áreas mais restritas: em Flores da Cunha, concentra-se ao sul e sudoeste, nos distritos de Otávio Rocha e Mato Perso; em Farroupilha, ao norte, no distrito de Jansen; em Caxias do Sul, ao norte, no distrito Sede; em Garibaldi, ao norte e oeste, nos distritos de São José da Costa Real, Garibaldina, Coronel Pilar e Marcorama; em Veranópolis, a sudoeste, no povoado de Lageadinho; em Cotiporã, ao sul, nas linhas Brasil, Rio Grande do Sul e 14 de Julho; em Santa Tereza, ao leste, nas linhas Pederneiras, Leopoldina e Graciema; em Nova Roma do Sul, a sudoeste, sul e sudeste, nas Linhas Fagundes Varela e Castro Alves; e, em São Valentim do Sul, a oeste, no distrito Sede.

Analisando os dados da produção de viníferas dos 12 municípios que mais produzem na Serra Gaúcha (UVIBRA, 1994), verifica-se que 69,3% são de uvas brancas e 30,7% de tintas.

As cultivares mais importantes são produzidas em quase todos os 12 municípios, sendo que alguns se destacam na produção de determinadas variedades, conforme pode ser verificado na Tabela 2, onde estão relacionadas as variedades com produção total superior a 4.000 t na safra de 1994.

TABELA 2. Produção de uvas viníferas nos 12 principais municípios produtores da Serra Gaúcha, com destaque para as principais cultivares – Safra de 1994.

Município	Produção total de viníferas brancas (t)							Produção total de viníferas tintas (t)					Produção total de viníferas (t)
	Moscato	Trebbiano	Riesling Itálico	Chardonnay	Sémillon	Outras	Subtotal	Merlot	Cabernet Franc	Cabernet Sauvignon	Outras	Subtotal	
Bento Gonçalves	3.281	1.622	1.520	4.473	1.276	4.087	16.259	1.424	2.095	2.078	4.421	10.018	26.277
Farroupilha	7.707	1.024	371	15	372	1.269	10.758	1.336	400	421	228	2.385	13.143
Garibaldi	162	2.937	980	190	410	585	5.264	191	692	794	377	2.054	7.318
Monte Belo do Sul	123	778	2.876	625	684	1.554	6.640	1.274	589	346	994	3.203	9.843
Flores da Cunha	762	228	623	21	720	336	2.690	318	87	133	132	670	3.360
Caxias do Sul	1.559	340	111	15	72	162	2.259	417	103	36	28	584	2.843
Cotiporã	7	190	71	72	55	98	493	245	148	76	532	1.001	1.494
Santa Tereza	11	246	467	155	259	223	1.361	94	91	121	217	523	1.884
Veranópolis	25	95	10	67	117	220	534	32	51	82	159	324	858
Nova Roma do Sul	443	48	16	0	68	278	853	107	76	0	20	203	1.056
Nova Pádua	268	25	13	0	87	74	467	61	32	0	18	111	578
São Valentim do Sul	17	162	53	11	142	97	482	10	11	125	94	240	722
Total	14.365	7.695	7.111	5.644	4.262	8.983	48.060	5.509	4.375	4.212	7.220	21.316	69.376

Fonte: UVIBRA (1994); dados elaborados pelos autores.

A Moscato, cultivar com maior produção dentre as viníferas, tem 54% da produção concentrada no município de Farroupilha, seguido de Bento Gonçalves, com 23%, e de Caxias do Sul. Ainda dentre as brancas, a Trebbiano apresenta maior concentração de cultivo em Garibaldi, com 38% da produção, seguido de Bento Gonçalves e Farroupilha. A Riesling Itálico possui 40% da produção no município de Monte Belo do Sul. Já a Chardonnay está expressivamente concentrada em Bento Gonçalves, com 79% da produção, enquanto a Sémillon está mais distribuída, possuindo 81% da produção nos cinco municípios maiores produtores de viníferas (Tabela 2).

Dentre as cultivares tintas, tanto a Cabernet Franc quanto a Cabernet Sauvignon possuem quase 50% da

produção em Bento Gonçalves, enquanto a Merlot aparece com um percentual de aproximadamente 25% da produção total em três municípios: Bento Gonçalves, Farroupilha e Monte Belo do Sul (Tabela 2).

Apesar do menor volume de produção, outras variedades são importantes na produção vitícola da Serra Gaúcha para a elaboração de vinhos finos ou espumantes, dentre as quais pode-se citar: Malvasia(s), Gewürztraminer, Peverella, Vernaccia, Sauvignon Blanc, Pinot Blanc, Barbera, Tannat, Gamay e Pinot Noir.

As uvas viníferas produzidas na Região da Serra Gaúcha são processadas por mais de 100 vinícolas, incluindo empresas e cooperativas pequenas, médias e grandes (UVIBRA, 1994).

Topônimos da Área Vitícola

Um termo transforma-se em topônimo, isto é, em um nome que referencia um lugar, quando este lugar passa a ter um valor específico para a sociedade, segundo o contexto do seu desenvolvimento e das ações, reações e correlações entre os elementos da paisagem.

O levantamento dos topônimos dos diferentes espaços da área de viticultura para vinhos finos e espumantes, realizado neste trabalho, e empregados usualmente, quer na cartografia – nos mapas das prefeituras municipais, mapas do IBGE e do Serviço Geográ-

fico do Exército – quer na comunicação cotidiana, permitiu classificá-los em três grupos: 1) o grupo dos topônimos político-administrativos, como o nome dos municípios, dos distritos e povoados, das linhas e travessões; 2) o grupo dos que se referem a acidentes geográficos, como rios e arroios, vales e morros; e, 3) o grupo dos topônimos que se referem a locais públicos de práticas religiosas, como o nome das capelas. Os topônimos da área vitícola estão sistematizados na Tabela 3.

TABELA 3. Topônimos na região de viticultura para vinhos finos e espumantes da Serra Gaúcha, por município, 1995.

Município	Distrito	Linha	Travessão/Lote/Povoado	Capela	Acidentes Geográficos
Bento Gonçalves	-	-	-	-	Vale do Rio das Antas
Bento Gonçalves	Sto. Antônio	Sertorina	-	-	-
	Salgado	-	-	-	-
	Pradel	S. Roque	-	-	-
	Barracão	-	-	-	-
	-	Vale Aurora	-	-	Vale Aurora
	Ceará	-	-	-	-
Faria Lemos	-	-	-	-	Vale Aurora
	3ª Secção do Rio das Antas	Demari	S. Gotardo	-	-
		Ferri	S. José	-	-
		-	N. Sra. da Natividade	-	-
	Faria Lemos	Veríssimo de Matos	-	-	-
		-	N. Sra. Imaculada	-	-
	Paulina	-	S. Paulo	-	-
		-	Sto. Antônio	-	-
		-	S. Pedro	-	-
		-	S. Martinho	-	-
	Alcântara	-	-	-	Alcântara Baixa
	Eulália	-	-	-	Eulália Alta
		-	-	-	Eulália Baixa
	Fernandes Lima	-	-	-	-
Tuuti	Tuuti	-	-	-	Vale da Ferradura
	S. Valentim	-	S. Valentim	-	-
	Burati	Borgo	-	-	Vale do Arroio Burati
Vale dos Vinhedos	Graciema	8 da Graciema ¹	-	-	-
		15 da Graciema ¹	-	-	-
		40 da Graciema ¹	-	-	-
	Leopoldina	6 da Leopoldina ¹	N. Sra. das Neves	-	-
		40 da Leopoldina ¹	N. Sra. das Almas	-	-
			N. Sra. da Glória	-	-
			Sta. Lúcia	-	-
	Zemith	-	-	-	Monte Celeste Gobatto
São Pedro	Palmeira	-	-	-	Busa
	S. Pedro	-	S. Pedro	-	-
		-	S. Miguel	-	-
		-	Sto. Antoninho	-	-
		-	Sto. Antônio	-	-
Pinto Bandeira	-	-	-	-	Vale do Arroio Burati
	Amadeu	28 de Pinto Bandeira ¹	-	-	-
		32 de Pinto Bandeira	-	-	-
	Jansen	-	-	-	-
	Rio Branco	-	-	-	-
	Jacinto Sul	-	-	-	-
	Jacinto	-	-	-	Vale do Arroio Vinte
	Marcolino Moura	-	-	-	-
	Brasil	-	-	-	-
	Silva Pinto Norte-	-	-	-	-
	Anunciata	-	N. Sra. Anunciata	-	-
	Silva Pinto Sul	-	-	-	-

(continua...)

TABELA 3. Topônimos na região de viticultura para vinhos finos e espumantes da Serra Gaúcha, por município, 1995. (continuação...)

Município	Distrito	Linha	Travessão/Lote/Povoado	Capela	Acidentes Geográficos	
Farroupilha	-	-	-	-	Vale do Rio das Antas	
	Farroupilha	-	-	N. Sra. do Caravagio	-	
	Jansen	Jacinto	-	-	Sto. André	-
			-	-	S. Luiz	-
			-	-	S. José	-
			-	-	Sto. Antônio	-
	Jansen	Jansen	30 da Jansen ¹	-	N. Sra. da Saúde	-
			47 da Jansen ¹	-	S.C. de Jesus	-
			80 da Jansen ¹	-	N. Sra. das Dores	-
	Nova Sardenha	-	Monte Bérico	N. Sra. de Monte Bérico	-	
Nova Milano	-	-	-	S. Roque	-	
	-	-	-	Santos Anjos	-	
	-	-	-	N. Sra. da Salette	-	
Garibaldi	Garibaldi	Araípe	-	S. Roque S. Miguel	Vale do Arroio Marrecão	
	Garibaldina	Garibaldina	-	S. Gabriel	-	
			Garibaldina	-	-	
			Borghetto	-	-	
			Picada Baú	-	-	
			Graciema	8 da Graciema ¹ 15 da Graciema ¹	-	-
	S. José da Costa Real	Costa Real	-	-	Sto. Alexandre	-
			-	-	S. Jorge	Vale do Arroio Marrecão
			-	-	N. Sra. da Anunciação	-
			-	-	S. José	-
	Graciema Presidente Soares	Graciema	40 da Graciema ¹	-	-	-
			-	-	-	-
	Marcorama	Camargo	-	-	-	Vale do Arroio Marrecão
Brasília			-	-	-	
Marcorama			-	-	-	
Araújo e Souza			-	-	-	
-			-	-	S. Gotardo	
Coronel Pilar	-	-	-	S. Pantaleão	-	
		-	-	Santana	-	
		-	-	S. Jorge	-	
-	-	-	-	S. Bartolomeu	-	
		-	-	S. Valentim	-	
		-	-	-	-	
Flores da Cunha	-	-	-	-	Vale do Rio das Antas	
	Flores da Cunha	-	-	-	-	
	Otávio Rocha	-	Carvalho	-	-	-
		Linha 80	-	-	-	-
		Linha 60	-	-	Sta. Justina	-
	Mato Perso	-	-	-	Sta. Juliana	-
-		-	-	S. Tiago	-	
-		-	-	S. Victor	-	

(continua...)

TABELA 3. Topônimos na região de viticultura para vinhos finos e espumantes da Serra Gaúcha, por município, 1995. (continuação...)

Município	Distrito	Linha	Travessão/Lote/Povoado	Capela	Acidentes Geográficos
Monte Belo do Sul	Monte Belo do Sul	-	-	-	Vale do Rio das Antas
		Leopoldina	<i>80 da Leopoldina¹</i> <i>100 da Leopoldina¹</i>	Sto. Antônio	Vale do Arroio Vinte e Dois
		Pederneiras	-	-	Pederneira Alta
		Fernandes Lima	-	S. Paulo	-
		Alcântara	-	N. Sra. do Caravagio	Alcântara Alta
		Armênio	-	S. Pedro	Vale do Arroio Armênio
				S. José	
		Argemiro	-	N. Sra. das Graças	Vale do Arroio Argemiro
				N. Sra. do Rosário	
				Sta. Rita	
				S. Marcos	
	Sta. Bárbara	-	Sta. Bárbara	Vale do Arroio Sta. Bárbara	
		-	S.C. de Jesus	-	
		-	N. Sra. da Saúde	-	
	Colussi	-	-	-	
	Zemith	-	Sto. Isidoro	-	
Caxias do Sul³	Caxias do Sul	Linha 60	-	Sta. Justina	-
		9ª Légua	-	S. Luiz	-
		-	-	N. Sra. do Pedancino	-
		Linha 40	-	N. Sra. das Neves	-
		-	Monte Bérico	N. Sra. de Monte Bérico	-
		-	-	Sto. Antônio	-
		-	-	N. Sra. da Saúde	-
		3ª Légua	-	S. Pedro	-
		2ª Légua	Forqueta	S. Martinho	-
				S. João	-
				Menino Deus	-
		S. Virgílio	-		
		N. Sra. de Loreto	-		
		S. Cristóvão	Cerro da Glória		
Cotiporã³	Cotiporã	-	-	-	Vale do Rio das Antas
		Brasil/3ª e 4ª Légua	Sta. Lúcia	N. Sra. da Auxiliadora	-
			-	S. Roque	-
		Rio Grande do Sul/ 5ª Légua	Almirante Tamandaré	N. Sra. do Rosário	-
		14 de Julho	-	S. Casemiro	-
	-	N. Sra. dos Navegantes	Morro do Céu		
	-	S. Pedro			
Santa Tereza	Santa Tereza	Leopoldina	<i>130 da Leopoldina¹</i> <i>150 da Leopoldina¹</i>	-	Vale do Arroio Vinte e Dois
		Graciema	-	-	Graciema Alta
			-	-	Graciema Baixa
		Pederneiras	-	-	Pederneira Baixa
		Santa Bárbara	-	S. C. de Jesus	-
			-	Sta. Bárbara	-
			-	N. Sra. da Saúde	-
		Bento Gonçalves	-	S. Valentim	-
Doloratta	-	Doloratta	-		
	Colussi	-	-	-	

(continua...)

TABELA 3. Topônimos na região de viticultura para vinhos finos e espumantes da Serra Gaúcha, por município, 1995. (continuação...)

Município	Distrito	Linha	Travessão/Lote/Povoado	Capela	Acidentes Geográficos
Veranópolis	Veranópolis	-	Lageadinho ²	-	Vale do Rio das Antas
Nova Roma do Sul	Nova Roma do Sul	-	-	-	Vale do Rio das Antas
		Salete	Comin ²	-	-
		Fagundes Varela	-	S. Roque	-
		Castro Alves	Fioresi Rossi ²	S. Luiz	-
		-	Gustavo Vasa ²	S. Marcos	-
Nova Pádua	Nova Pádua	-	-	-	Vale do Rio das Antas
		-	Curuçu ²	-	-
		-	Divisa ²	-	-
		-	Leonel ²	-	-
		-	Barra ²	-	-
		-	Bonito ²	-	-
		-	Paredes ²	-	-
		-	Sto. Isidoro ²	-	-
São Valentim do Sul	São Valentim do Sul	-	-	-	Vale do Rio das Antas
		S. Jerônimo	-	S. Roque	-
		Pão Duro	-	Sta. Catarina	-
		Azambuja	-	-	-
		S. Valentim	-	-	-
	Boa Vista	-	Boa Vista	-	-

¹ Número do lote que também designa um povoado.

² Travessão cujo nome também designa um povoado.

³ Município onde ocorre o uso tanto do nome da linha quanto da légua.

A região vitícola para vinhos finos e espumantes da Serra Gaúcha insere-se no contexto histórico da colonização italiana, iniciada no Rio Grande do Sul a partir de 1875. Os topônimos levantados nessa região são uma referência explícita a esse processo de colonização (Tabela 3). O uso das expressões légua, linha, travessão e lote, associadas a algum lugar, estão diretamente relacionadas a essa fase da construção do espaço regional.

O reconhecimento inicial da região foi feito em duas expedições realizadas pelo Ministério da Agricultura, chefiadas por Antonio Feijó Junior, na década de 1860 (Adami, 1962). A partir desse reconhecimento, e através de contratos com empresas privadas, foram estabelecidas, conforme previa a Lei de Terras e Colonização – Lei nº 601, de 18.09.1850 e sua regulamentação (Freitas Junior, 1882) – as áreas das três glebas ou colônias iniciais: Dona Isabel, com 16 léguas, Conde d'Eu, com 16 léguas, e Fundos de Nova Palmira, com 17 léguas, as quais deram origem a Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul, respectivamente.

A referida Lei de Terras e Colonização estabeleceu que, nas glebas de terras devolutas para colonização, o parcelamento e a demarcação seriam realizados por linhas correndo de norte a sul conforme o meridiano verdadeiro. As glebas eram divididas em léguas, medindo aproximadamente 6 km², e estas em linhas que, por sua vez, eram subdivididas em lotes, os quais eram vendidos aos imigrantes. Algumas linhas foram divididas ao meio por estradas ou picadas, dando origem aos travessões (Azevedo, 1975; Manfroi, 1975).

A quantidade de linhas, travessões e lotes e, conseqüentemente, o tamanho dos lotes dentro de uma légua, dependia da topografia e da qualidade dos solos.

A regra para demarcação das linhas no sentido norte-sul nem sempre foi seguida, a exemplo da colônia Dona Isabel, onde algumas linhas têm o sentido leste-oeste. No entanto, a demarcação sempre buscou proporcionar à maioria das propriedades alguma nascente e um pequeno curso d'água.

A abertura das estradas ao longo das linhas, na sua porção central, estimulou a construção de casas nas cabeceiras dos lotes da mesma linha, criando, por isso, maior facilidade de deslocamento, transporte e comunicação na linha do que entre as linhas. Fruto dessa situação, a organização da estrutura da nova sociedade se deu, no meio rural, ao longo das linhas e travessões (Manfroi, 1975). Essa organização espacial marcou tanto que, até hoje, o nome das linhas e travessões é amplamente empregado por boa parte da população vitivinícola como referência locacional (Tabela 3).

É no contexto da socialização dos imigrantes, nas linhas e travessões, que surgem as capelas (Azevedo, 1975; Manfroi, 1975; Battistel, 1981). A tradição e o valor identitário da religião católica pode ser avaliado pelo número de capelas que foram erguidas, as quais servem também como referência espacial (Tabela 3). A escolha do nome do padroeiro da capela espelha a origem dos imigrantes: geralmente o padroeiro era o mesmo do lugar de onde provinham. É o nome do padroeiro da capela da comunidade, da linha ou travessão que, de modo geral, dá origem ao nome do povoado.

Servindo como ponto aglutinador da socialização e como reconstituição de referências culturais, em torno da capela surgiram também a escola, o cemitério e a *venda* – misto de loja, armazém e bar – e, com o passar do tempo, outras edificações, dando origem à formação de um povoado, que em alguns casos evoluiu para uma vila ou cidade. Esse topônimo também é utilizado como referência da área vitivinícola.

O processo de organização, de parcelamento e demarcação das terras das colônias foi executado pelo poder público imperial/federal ou provincial/estadual. Assim, os nomes das linhas e travessões iniciais são predominantemente de lusos, como Faria Lemos, ou de acontecimentos da história política nacional, como o caso de Tuiuti (Tabela 3).

Os municípios com maior volume de produção – Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi e Monte Belo do Sul – são também os que apresentam maior número de topônimos – 80, 24, 34 e 32, respectivamente (Tabela 3).

A pesquisa revelou que as referências mais conhecidas são as dos topônimos político-administrativos dos municípios e dos seus distritos, secundados pela referência das linhas, travessões e capelas, enquanto

os nomes dos acidentes geográficos são os menos referidos.

Alguns municípios e distritos levam o nome de políticos brasileiros de expressão, como Bento Gonçalves, Flores da Cunha e Pinto Bandeira, enquanto algumas linhas e travessões referem-se a nomes ou sobrenomes de pessoas da comunidade local, como Colussi e Ferri.

Os números dos lotes nos mapas da colonização, onde surgiram povoados, aparecem como topônimo de identificação nos municípios de Bento Gonçalves, Farroupilha, Monte Belo do Sul, Santa Tereza e Garibaldi. É o caso de 28 de Pinto Bandeira, 80 da Jansen e 150 da Leopoldina, dentre outros.

O processo de emancipação política e de crescimento dos povoados criou situações como a que ocorre nos limites dos municípios de Bento Gonçalves com Farroupilha e de Bento Gonçalves com Garibaldi, em que as mesmas linhas – Jacinto e Jansen – ou povoado – 15 da Graciema – servem, respectivamente, de referência para a viticultura dos dois municípios.

A Tabela 3 evidencia, ainda, que existem diferenças no tipo de topônimo utilizado para referenciar as áreas da produção vitícola entre municípios ou seus distritos. Em Bento Gonçalves, no distrito de Pinto Bandeira, a ênfase reside no nome das linhas, enquanto no município de Nova Pádua é usado, exclusivamente, o nome dos travessões. Porém, em Monte Belo do Sul encontra-se uma diversificação maior, sendo igualmente usados tanto o nome das linhas quanto o das capelas. Em Caxias do Sul e Cotiporã, são referidos também os números das léguas, fruto da divisão das glebas por ocasião do processo de colonização.

Os nomes de acidentes geográficos remetem à realidade do espaço em questão, como por exemplo Rio das Antas – rio que percorre nove dos 12 municípios estudados – e que era habitado por antas, e Arroio Pedrneiras, indicando a presença de fragmentos de rochas. As dorsais da escarpa do planalto na área vitícola não são referidas como topônimos. Inclusive, de modo geral, as mesmas não possuem nomes. Excessão é feita ao Morro do Céu, que aparece como referência no município de Cotiporã. Através do presente trabalho foi dado o nome de Celeste Gobatto – em homenagem ao trabalho por ele desenvolvido para a vitivinicultura brasileira – ao monte localizado na linha Zemith, em Bento Gonçalves (Tabela 3).

Considerações Finais

A pesquisa realizada permitiu evidenciar a distribuição geográfica da viticultura para vinhos finos e espumantes na Região da Serra Gaúcha. Da produção de uvas viníferas, 97% ocorrem em 12 municípios: Bento Gonçalves, Farroupilha, Monte Belo do Sul, Garibaldi, Flores da Cunha, Caxias do Sul, Cotiporã, Santa Tereza, Nova Roma do Sul, Veranópolis, São Valentim do Sul e Nova Pádua.

Os vinhedos de *Vitis vinifera* da Região, com uma área de cultivo estimada em 5.000 hectares, encontram-se distribuídos em uma superfície de aproximadamente 800 km², situada na escarpa do planalto basáltico. Tais vinhedos são cultivados com expressiva concentração entre os 400 e 600 metros de altitude, principalmente ao longo dos vales dos tributários da margem esquerda do Rio das Antas, em exposições que variam de leste a norte e a oeste.

A análise da produção das diferentes variedades de videira da Região mostrou que, embora as mais importantes sejam produzidas em quase todos os 12 municípios, um ou mais municípios ou distritos concentram grande parte da produção de determinada(s) variedade(s), mostrando uma especialização da produção.

O trabalho evidenciou, ainda, a grande diversidade de nomes geográficos – mais de 250 – que referenciam as áreas de produção da viticultura para vinhos finos e espumantes da Região da Serra Gaúcha, constituindo-se em importante riqueza regional. Dentre esses topônimos, um conjunto é político-administrativo, outro refere-se aos acidentes geográficos, enquanto um terceiro agrupa topônimos relacionados aos locais oficiais de prática religiosa das comunidades católicas. Grande parte dos topônimos levantados são originários da nomenclatura utilizada na divisão do espaço geográfico, durante o processo de colonização italiana, no último quartel do século XIX e início deste.

A diversidade de nomes geográficos existentes na área da viticultura para vinhos finos e espumantes da Serra Gaúcha possibilita que alguns – os mais representativos – sejam utilizados para as denominações de origem, as indicações geográficas e as indicações

de procedência que venham a ser implementadas para os produtos vitivinícolas regionais.

Apesar da importância que tem hoje a referência à origem nas embalagens dos produtos vitivinícolas, verifica-se que o uso de topônimos nos produtos da Região da Serra Gaúcha é pouco explorado. Poucos exemplos de uso são o Vale Aurora e o Vale dos Vinhedos, empregados por determinadas marcas comerciais.

Para alterar essa situação, além da conscientização do setor vitivinícola, há a necessidade de que sejam definidos os conceitos a serem adotados na vitivinicultura brasileira, bem como de que seja assegurado o indispensável suporte legal para o uso de topônimos no contexto das denominações de origem, das indicações geográficas e das indicações de procedência. Existe, ainda, a necessidade de aprofundar o entendimento sobre a zona de produção da vitivinicultura regional. Isto em relação aos fatores naturais – clima, solo, paisagem – e aos fatores humanos envolvidos – variedades, sistemas de produção da videira e de elaboração dos produtos – no sentido de conhecer a qualidade e as características dos produtos elaborados a partir das diferentes áreas desta zona de produção. O conhecimento dessa realidade possibilitará a criação de soluções adequadas ao contexto regional e nacional, evitando a simples cópia de modelos de outros países.

A implementação e consolidação do uso de nomes geográficos próprios nos produtos vitivinícolas na zona de produção da Serra Gaúcha, bem como em outras regiões vitivinícolas, no contexto das denominações de origem e indicações geográficas, fortalecerá a identidade da vitivinicultura brasileira. Deve-se caminhar no sentido do abandono do uso de nomes que são de denominações de origem estrangeiras. Este encaminhamento representará o alcance de um novo patamar qualitativo na vitivinicultura brasileira, com maior organização e autocontrole do complexo agroindustrial, constituindo, ao mesmo tempo, um forte instrumento de comunicação com o consumidor, o que deverá resultar em aumento de competitividade da vitivinicultura, tanto no mercado nacional quanto internacional.

Referências Cartográficas

- BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO. *Antonio Prado*: Folha SH.22-V-B-VI-3-MI-2936/3. Brasília: 1980. (Escala 1:50.000).
- BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO. *Bento Gonçalves*: Folha SH.22-V-D-II-2-MI 2952/2. Brasília: 1980. (Escala 1:50.000).
- BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO. *Bento Gonçalves*: Folha SH.22-V-D-II. Brasília: 1973. (Escala 1:100.000).
- BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO. *Caxias do Sul*: Folha SH.22-V-D III-2-MI-2953/2. Brasília: 1980. (Escala 1:50.000).
- BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO. *Caxias do Sul*: Folha SH.22-V-D-MIR-535. Brasília: 1981. (Escala 1:250.000).
- BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO. *Caxias do Sul*: Folha SH.22-V-D-III-MI-2953. Brasília: 1977. (Escala 1:100.000).
- BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO. *Farroupilha*: Folha SH.22-V-D-III-1-MI-2953/1. Brasília: 1980. (Escala 1:50.000).
- BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO. *Garibaldi*: Folha SH.22-V-D-II-4-MI-2952/4. Brasília: 1980. (Escala 1:50.000).
- BRASIL. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO. *Passo Fundo*: Folha SH.22-V-B-MIR-528. Brasília: 1981. (Escala 1:250.000).
- DAER. *Levantamento rodoviário do município de Garibaldi – 1988*. Porto Alegre: 1990. Mapa em 1f. (Escala 1:40.000. Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BENTO GONÇALVES. *Mapa do município de Bento Gonçalves*. Bento Gonçalves: (199_). Mapa em 1f. (Escala 1:50.000. Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. *Município de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: (198_). Mapa em 1f. (Escala 1:50.000. Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE COTIPORÃ. *Município de Cotiporã*. Cotiporã: (198_). Mapa em 1f. (Escala 1:50.000. Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FARROUPILHA. *Mapa rodoviário – Farroupilha – RGS*. Farroupilha: (198_). Mapa em 1f. (Escala 1:50.000. Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA. *Município de Flores da Cunha*. Flores da Cunha: (197_). Mapa em 1f. (Escala 1:50.000. Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA. *Levantamento rodoviário do município de Flores da Cunha*. Flores da Cunha: 1988. Mapa em 1f. (Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA. *Planta geral – município de Flores da Cunha*. Flores da Cunha: 1994. Mapa em 1f. (Escala 1:50.000. Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTE BELO DO SUL. *Monte Belo do Sul*. Monte Belo do Sul: (199_). Mapa em 1f. (Escala 1:50.000. Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PÁDUA. *Nova Pádua*. Nova Pádua: (199_). Mapa em 1f. (Escala 1:50.000. Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ROMA DO SUL. *Nova Roma do Sul*. Nova Roma do Sul: (199_). Mapa em 1f. (Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO VALENTIM DO SUL. *São Valentim do Sul*. São Valentim do Sul: (199_). Mapa em 1f. (Cópia heliográfica).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE VERANÓPOLIS. *Município de Veranópolis*. Veranópolis: 1989. Mapa em 1f. (Escala 1:50.000. Cópia heliográfica).
- SECRETARIA DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO (Rio Grande do Sul). *Estado do Rio Grande do Sul: divisão municipal*. Porto Alegre: 1993. Mapa em 1f. (Escala 1:1.250.000).

Referências Bibliográficas

- ADAMI, J.S. *História de Caxias do Sul*: Primeiro Tomo 1864-1962. Caxias do Sul: São Miguel, 1962. 419p.
- ARLANDINI, A.; FREGONI, M.; UHLEN, R. *Enquête internationale sur les vins à appellation d'origine et à indication géographique*. Alessandria: C.I.D.E.A.O., 1993. v.10. 143p. (C.I.D.E.A.O. Bollettino, 15).
- AZEVEDO, T. de. *Italianos e gaúchos*. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1975. 310p.
- BATTISTEL, A. *Colônia italiana: religião e costumes*. Porto Alegre: E.S.T. São Lourenço de Brindes, 1981. 112p.
- BRASIL. Decreto número 99.066, de 8 de março de 1990. Regulamenta a Lei número 7.678, de 8 de novembro de 1988, que dispõe sobre a produção, circulação e comercialização do vinho e derivados do vinho e da uva. *Diário Oficial* (da República Federativa do Brasil), Brasília, seção 1, p.4755-4763, 9 mar. 1990.
- CENSO AGROPECUÁRIO. *Censos econômicos de 1985*. Rio de Janeiro: IBGE, v.51, 1991. 1024p.
- FALCADE, I.; TONIETTO, J. Caracterização geográfica das regiões de vitivinicultura no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 7, 1993, Bento Gonçalves. *Anais ...* Bento Gonçalves: EMBRAPA-CNPUV. 25p. (no prelo).
- FREITAS JUNIOR, A.T. de., org. *Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850: terras e colonização*. Rio de Janeiro: B.L.Garnier, 1882. 267p.
- IBGE. *Quadro territorial vigente em 31.12.93*. Rio de Janeiro: 1994. 141p. (Boletim interno. Listagem de computador).
- KOURAKOU-DRAGONAS, S. *La Grèce vinicole*. Athenes: Organisme Hellénique pour la Promotion des Exportations, 1987. 60p.
- MANFROI, O. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: GRAFOSUL/IEL, 1975. 218p.
- RESOLUTION de Madrid. *Bollettino del C.I.D.E.A.O.*, Alessandria, v.10, n.15, p.6, 1993.
- TONIETTO, J. Cognac e Champagne: um tipo de signo que merece respeito. *Panorama da Tecnologia*, Rio de Janeiro, n.12, p.9-13, maio 1994. (Instituto Nacional de Propriedade Industrial – INPI).
- TONIETTO, J.; FALCADE, I. Identificação e delimitação das regiões vitivinícolas brasileiras. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE VITICULTURA Y ENOLOGIA, 6/JORNADAS VITIVINÍCOLAS DE CHILE, 5., 1994, Santiago de Chile. *Resúmenes...* Santiago de Chile: Asociacion Nacional de Ingenieros Agronomos Enologos de Chile/Pontificia Universidad Catolica de Chile, 1994. p.42-43.
- TONIETTO, J.; FALCADE, I.; MIELE, A.; MANDELLI, F.; FRÁGUAS, J.C.; MELLO, L.M.R. de; ZANUZ, M.C. *Identificação, delimitação e caracterização das regiões vitivinícolas brasileiras*. Bento Gonçalves: EMBRAPA-CNPUV, 1993. 40p. (Versão preliminar).
- TONIETTO, J. *O conceito de denominação de origem: uma opção para o desenvolvimento do setor vitivinícola brasileiro*. Bento Gonçalves: EMBRAPA/CNPUV, 1993. 20p. (EMBRAPA-CNPUV. Documentos, 8).
- UVIBRA. *Produção comerciável 1992: uvas industrializadas e produtos elaborados no Rio Grande do Sul*. Bento Gonçalves: 1992. 28p. (Relatório. Saída de computador).
- UVIBRA. *Produção comerciável 1993: uvas industrializadas e produtos elaborados no Rio Grande do Sul*. Bento Gonçalves: 1993. 33p. (Relatório. Saída de computador).
- UVIBRA. *Produção comerciável do ano de 1994: uvas industrializadas e produtos elaborados no Rio Grande do Sul*. Bento Gonçalves: 1994. 28p. (Relatório. Saída de computador).